



## Enfrentamento ao ageísmo por meio das relações intergeracionais frente à transição demográfica

Confronting ageism through intergenerational relationships in the face of demographic transition

Combatiendo la discriminación por edad a través de relaciones intergeneracionales frente a la transición demográfica

Clara Sobreira Dias Lopes<sup>1</sup>, Emanuelle Cristina Soares Gonçalves<sup>2</sup>, Lorena Amaral de Oliveira<sup>1</sup>, Maria Teresinha de Oliveira Fernandes<sup>3</sup>, Natália de Cássia Horta<sup>1</sup>, Marina Celly Martins Ribeiro de Souza<sup>4</sup>.

### RESUMO

**Objetivo:** Identificar ferramentas de enfrentamento ao ageísmo desenvolvidas por meio das relações intergeracionais frente à transição demográfica. **Métodos:** Trata-se de revisão integrativa em que foram selecionados 21 artigos na Web of science, Pubmed, Embase, Portal Capes e Scopus. **Resultados:** Observou-se que quanto maior o contato com a população idosa e mais conhecimento sobre o envelhecimento, seja no meio educacional, familiar, ou dos profissionais cuidadores, menos estereótipos negativos são vistos em relação às pessoas mais velhas. A promoção de relações intergeracionais no ambiente familiar e no mercado de trabalho foi outra importante ferramenta no combate ao idadismo, especialmente no contexto da pandemia da COVID-19. Os efeitos positivos da autopercepção do envelhecimento foram observados em pessoas que vivem em regiões com envelhecimento populacional lento. **Considerações finais:** Quanto maior o conhecimento sobre o processo de envelhecimento e contato com pessoas idosas, mais atitudes e visões positivas em relação a esse grupo foram agregadas enquanto ferramentas de enfrentamento ao idadismo em vários espaços sociais. Como limitação do estudo, destaca-se a escassez de publicações sobre as relações intergeracionais e seu impacto na redução do ageísmo após a pandemia da COVID-19.

**Palavras-chave:** Etarismo, Relação entre gerações, Dinâmica populacional.

### ABSTRACT

**Objective:** To identify tools to combat ageism through intergenerational relationships in face of the demographic transition. **Methods:** This is an integrative review in which 21 articles were selected from Web of science, Pubmed, Embase, Portal Capes and Scopus. **Results:** It was observed that the greater the contact with the older population and the more knowledge about aging, in areas such as the educational environment, family, or professional caregivers, the fewer negative stereotypes were seen in relation to older people. The promotion of intergenerational relationships within the familial environment and in the job market was another important tool in combating ageism, especially in the context of the COVID-19 pandemic. The positive effects of self-perceived aging were observed in people living in regions with slow population aging. **Final considerations:** The greater the knowledge about the aging process and contact with older people, the more positive attitudes and views towards this group were added as tools to combat ageism in various social spaces. As a limitation of the study, the scarcity of publications on intergenerational relationships and their impact on reducing ageism after the COVID-19 pandemic stands out.

**Keywords:** Ageism, Intergenerational relations, Population dynamics.

### RESUMEN

**Objetivo:** Identificar herramientas para combatir el ageísmo desarrolladas a través de las relaciones intergeneracionales ante la transición demográfica. **Métodos:** Se trata de revisión integradora en la que se seleccionaron 21 artículos de Web of science, Pubmed, Embase, Portal Capes y Scopus. **Resultados:** Se

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Betim - MG.

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Contagem - MG.

<sup>3</sup> Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte - MG.

<sup>4</sup> The College of New Jersey - USA, New Jersey - USA.

observó que cuanto mayor es el contacto con la población mayor y el conocimiento sobre envejecimiento, en el entorno educativo, familiar o de los cuidadores profesionales, menos estereotipos negativos se observan en relación con las personas mayores. La promoción de las relaciones intergeneracionales en el entorno familiar y mercado laboral fue otra herramienta importante en la lucha contra el edadismo, especialmente en el contexto de la pandemia de COVID-19. Los efectos positivos de la autopercepción del envejecimiento se observaron en personas que viven en regiones con un envejecimiento poblacional lento. **Consideraciones finales:** Cuanto mayor es el conocimiento sobre el proceso de envejecimiento y contacto con las personas mayores, más actitudes y visiones positivas hacia este grupo se añaden como herramientas para combatir la discriminación por edad en diversos espacios sociales. Como limitación del estudio se destaca la escasez de publicaciones sobre las relaciones intergeneracionales y su impacto en la reducción del edadismo tras la pandemia de COVID-19.

**Palabras-clave:** Ageísmo, Relaciones intergeneracionales, Dinámica poblacional.

## INTRODUÇÃO

Envelhecer já foi considerado um privilégio para poucos, atualmente é uma importante conquista da humanidade. Dados da Organização das Nações Unidas (ONU) projetaram estimativa de 2 bilhões de pessoas idosas no mundo em 2050 e 80% delas viverão em países classificados como emergentes ou em desenvolvimento, sendo que, pelo menos 142 milhões de pessoas mais velhas em todo o mundo não conseguem atender às suas necessidades básicas (FERREIRA VHS, et al., 2020; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021). Neste contexto, a Organização Mundial de Saúde (2020), declarou a Década do Envelhecimento Saudável que consiste em um plano de ação com objetivo de promover o envelhecimento saudável e autônomo.

Ele abrange o período de 2021 a 2030, indicando medidas em que as pessoas com 65 anos ou mais estarão no centro e que reunirão setores públicos e privados. No entanto, as sociedades ocidentais modernas com suas visões competitivas e dinâmicas, muitas vezes ainda percebem o envelhecimento como um processo negativo. Destarte, estereótipos negativos sobre as pessoas mais velhas, por sua vez, deram origem à discriminação, estigma, exclusão, evitação e desprezo pela idade (FLAMION A, et al., 2019). Desse conjunto de atitudes, Robert Butler (1969) definiu o termo ageísmo ou idadismo como o preconceito por um grupo etário em relação a outras faixas etárias.

Os termos ageísmo ou idadismo têm sido utilizados para descrever a discriminação social sistemática voltada especificamente contra as pessoas mais velhas, muitas vezes vistas como símbolo de adoecimento, enfraquecimento e morte. Assim, a sociedade começou a associar a velhice às qualidades negativas e os adultos com 65 anos ou mais como um fardo que não contribuem para a sociedade (NELSON TD, 2005). O ageísmo surgiu devido ao medo que as pessoas têm da morte, que contribuiu com o medo de envelhecer, de ser percebido como velho, além do receio de ter uma identidade social estigmatizada, distanciando-se das pessoas idosas e da identificação com essa população (SWIFT HJ e CHASTEEN AL, 2021).

A OMS, desde 1999, comemora o Ano Internacional da Pessoa Idosa e, em 2021, frente aos apontamentos de que o preconceito contra a idade é uma das importantes formas de discriminação, lançou uma campanha global de combate ao idadismo que possui duas ferramentas obrigatórias de intervenção: oportunidades de relações intergeracionais e promoção da educação para o envelhecimento (SWIFT HJ e CHASTEEN AL, 2021; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021).

As relações intergeracionais ocorrem entre pessoas pertencentes a gerações distintas ou da mesma e caracterizam-se pela percepção de pertencimento geracional entre os envolvidos, além de consciência das diferenças e semelhanças nos diferentes grupos etários. As relações intergeracionais são permeadas por orientação, persuasão, intercâmbio e aprendizado, constituindo um processo de educação informal de grande valor agregado. Assim, a educação já se revelou como uma importante ferramenta no combate à diversos tipos de discriminação, como racial e sexual por exemplo, sendo imprescindível no enfrentamento do ageísmo (LÜSCHER K, et al., 2016). Portanto, é relevante o estudo no contexto da transição demográfica para sensibilizar sobre o preconceito em relação à idade que acomete a pessoa idosa, discrimina, contribui para sua marginalização, levando à exclusão social enquanto realidade nas relações entre gerações que impactam

na qualidade do envelhecimento. Além disso, suspeita-se que ferramentas têm sido desenvolvidas nas vivências intergeracionais para alguma forma de enfrentamento ao ageísmo que precisam ser conhecidas. Dessa forma, o objetivo proposto para esse estudo foi identificar ferramentas de enfrentamento ao ageísmo desenvolvidas por meio das relações intergeracionais frente à transição demográfica.

## MÉTODOS

Foi desenvolvida uma revisão integrativa, na qual é realizada uma análise do conhecimento sobre determinado assunto/tema/questão, com vistas a sintetizar os resultados e estabelecer conclusões, seguindo 6 etapas pré-definidas para o processo de construção desse método (BOTELHO LLR, et al., 2011). A coleta de dados ocorreu no período de janeiro/22 a junho/22. Para tanto, foi realizada a busca nas bases de dados: Pubmed, Web of Science, Scopus e Embase. Porém, com o baixo quantitativo de artigos recuperados nestas bases de dados, optou-se por incluir o Portal de periódicos CAPES, o que pode ser observado no quadro 1 a seguir (Quadro 1).

**Quadro 1 - Apresentação das buscas nas bases de dados utilizadas para o estudo.**

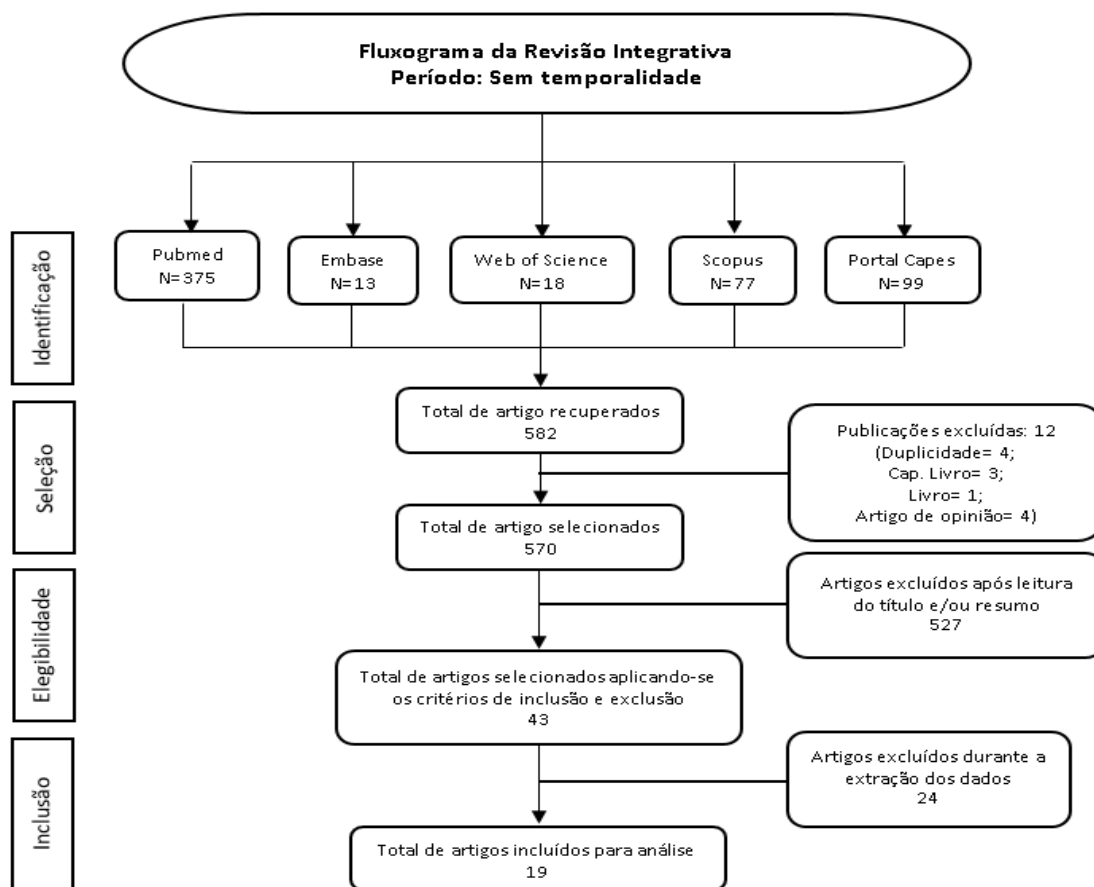
Base de dados	Pubmed	Embase	Web of Science	Scopus	Portal Capes
Termos ou expressões Estratégia de buscas	(‘Population Dynamics’ OR ‘Demographic Transition’ OR ‘Demographic Transitions’ OR ‘Population Characteristics’ OR ‘population mechanics’ OR ‘health transition’) AND (Intergenerational OR ‘Intergenerational Relations’ OR ‘Intergenerational Relation’ OR ‘Intergenerational Relation’ OR ‘Inter-generational Relation’ OR ‘Generation Gap’ OR ‘Generation Gaps’ OR ‘Nest Leaving’ OR ‘adult child relation’ OR ‘adult child relationship’ OR ‘generation relations’ OR ‘generational relations’) AND (education OR learning) AND (ageism OR ‘Age Discrimination’ OR ‘Age Discriminations’)	(‘social discrimination’ OR ageism) AND (‘human relation’) AND (‘Population Dynamics’ OR ‘Demographic Transition’)	(‘Population Dynamics’ OR ‘Demographic Transition’ OR ‘Demographic Transitions’ OR ‘Population Characteristics’ OR ‘population mechanics’ OR ‘health transition’) AND (Intergenerational OR ‘Intergenerational Relations’ OR ‘Intergenerational Relation’ OR ‘Inter-generational Relation’ OR ‘Generation Gap’ OR ‘Generation Gaps’ OR ‘Nest Leaving’ OR ‘adult child relation’ OR ‘adult child relationship’ OR ‘generation relations’ OR ‘generational relations’) AND (education OR learning) AND (ageism OR ‘Age Discrimination’ OR ‘Age Discriminations’)	("Population Dynamics" OR "Demographic Transition" OR "Demographic Transitions" OR "Population Characteristics" OR "population mechanics" OR "health transition") AND (intergenerational OR "Intergenerational Relations" OR "Intergenerational Relation" OR "Inter-generational Relation" OR "Generation Gap" OR "Generation Gaps" OR "Nest Leaving" OR "adult child relation" OR "adult child relationship" OR "generation relations" OR "generational relations") AND (education OR learning) AND (ageism OR "Age Discrimination" OR "Age Discriminations")	("Population Dynamics" OR "Demographic Transition" OR "Demographic Transitions" OR "Population Characteristics" OR "population mechanics" OR "health transition") AND (Intergenerational OR "Intergenerational Relations" OR "Intergenerational Relation" OR "Inter-generational Relation" OR "Generation Gap" OR "Generation Gaps" OR "Nest Leaving" OR "adult child relation" OR "adult child relationship" OR "generation relations" OR "generational relations") AND (education OR learning) AND (ageism OR "Age Discrimination" OR "Age Discriminations")
Número de artigos recuperados	375	13	18	77	99

Fonte: Lopes CSD, et al., 2024.

Foram critérios de inclusão dos manuscritos um dos descritores presentes no título ou resumo, conforme os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MESH): ageísmo; relação entre gerações; transição demográfica e suas respectivas traduções de acordo com as bases pesquisadas conforme o quadro 1. E os critérios de exclusão, foram artigos que tratam sobre transição demográfica e não considerou a intergeracionalidade como contexto, duplicidade, e ainda dissertações, teses e capítulos de livros.

Com isso, buscou-se responder à seguinte pergunta norteadora: Quais são as ferramentas de enfrentamento ao ageísmo desenvolvidas por meio das relações intergeracionais frente à transição demográfica? Os 582 estudos obtidos a partir das 5 bases de dados utilizadas, passaram por uma pré-seleção a partir da leitura do título e do resumo, sendo selecionadas 45 produções. A partir da leitura na íntegra foram incluídos 21 artigos no estudo, conforme explicitado no fluxograma 1 a seguir (**Figura 1**).

**Figura 1** - Percurso Metodológico da Revisão



**Fonte:** Lopes CSD, et al., 2024.

A análise dos dados foi respaldada na análise de conteúdo de Bardin (2016), seguindo-se as fases de leituras, pré-análise, análise emergindo as seguintes categorias: 1) Ageísmo no contexto da transição demográfica; 2) Relações intergeracionais no contexto da educação e do trabalho como ferramenta no enfrentamento do ageísmo; 3) Relações intergeracionais, intrafamiliares e avosidade.

## RESULTADOS

Dos artigos selecionados, o mais antigo foi do ano de 1996 e a maioria (76,20%) foi publicado entre 2012-2022. Os países que mais publicaram artigos envolvendo o tema estudado foram: Estados Unidos da América (15), Suíça (3) e Reino Unido (2). Os estudos publicados concentram-se em revistas norte americanas,



correspondendo a mais da metade do total de artigos incluídos, além de poucos estudos sobre a temática publicados em revistas de países de média e baixa renda.

A análise crítica dos achados conduziu à interpretação dos resultados, cujas as características em comum das publicações foram as relativas ao conteúdo e à categorização, sintetizados nos quadros 2, 3 e 4 (**Quadro 2, quadro 3, quadro 4**).

**Quadro 2 - Síntese sobre ageísmo no contexto da transição demográfica.**

Autor, ano	Delimitação e nº de participantes	Resultados/Considerações
Officer A, et al., 2020.	Estudo quali-quantitativo. Com 83.034 participantes em 57 países. *	À medida que a proporção de pessoas idosas aumenta, os membros da sociedade tornam-se mais favoráveis à velhice. O estudo conclui que entre os menos instruídos, jovem e masculino aumentaram significativamente as chances de atitudes de ageísmo.
Goodman R e Harper S, 2006.	Estudo qualitativo. Abordou quatro temas-chave do envelhecimento. *	Na região da Ásia/Pacífico, há projeções indicando que 20% da população terá mais de 60 anos em 2050. Este fato terá impacto nas mudanças políticas necessárias, pois países em desenvolvimento têm recursos econômicos e infraestrutura para lidar com o envelhecimento, provisão de pensões públicas e assistência médica para as populações idosas.
North MS e Fiske ST, 2015.	Meta-análise. *	Nas regiões da Ásia oriental e oeste da Europa, análises sugeriram que visões negativas das pessoas idosas são impulsionadas por mudanças demográficas recentes e rápidas no envelhecimento da população.
Van Den Heuvel WJA e Van Santvoort MM, 2011.	Estudo transversal. Participantes: 14.364 com idade superior a 62 anos de 28 países europeus. *	11% das pessoas idosas europeias relataram ter sofrido discriminação com frequência devido à sua idade. Mulheres com 62 anos ou mais relataram mais discriminação; pessoas com alto nível de escolaridade e com alta renda familiar e não pertencentes a um grupo minoritário relataram menos discriminação.
Maximiano-Barreto MA, et al., 2019	Revisão sistemática. Foram selecionados 7 artigos. *	Em países desenvolvidos constatou-se atitude negativa em relação aos adultos idosos. Indivíduos do sexo masculino apresentam mais atitudes negativas que os do sexo feminino. A atitude negativa em relação aos mais velhos está implicitamente presente entre os profissionais e estudantes da área da saúde.

**Legenda:** \*Tradução própria. **Fonte:** Lopes CSD, et al., 2024.

**Quadro 3 - Síntese sobre as relações intergeracionais no contexto da educação e do trabalho no enfrentamento do ageísmo.**

Autor, ano	Delimitação e nº participantes	Resultados/Considerações
Reyna C, et al., 2007	Estudo qualitativo. Questionário com 225 cuidadores adultos atendendo pessoas idosas na Austrália.	A variável de contato não teve qualquer associação com estereótipos de idosos, assim como a experiência de trabalho. Entretanto, o nível de escolaridade foi o mais forte preditor de atitudes em relação aos adultos mais velhos.
Lytte A, et al., 2021.	Estudo experimental. 845 alunos de graduação em um experimento on-line.	Na Parte 1, 845 graduandos relataram níveis mais baixos de ageísmo, menos estereótipos de idade negativos, mais estereótipos de idade positivos e mais conhecimento do envelhecimento em um pós-teste imediato. Na Parte 2 (1 a 6 semanas depois), os alunos de graduação tiveram resultados com mais estereótipos de idade positivos em um pós-teste.
Intrieri RC e Kurth ML, 2018.	Estudo qualitativo. 271 universitários de psicologia brancos não hispânicos e afro-americanos. *	O conhecimento sobre o envelhecimento foi relacionado a atitudes mais positivas em relação às pessoas idosas, o que foi estatisticamente significativo para brancos não hispânicos, mas não para afro-americanos. Os dois grupos com maior conhecimento sobre o envelhecimento demonstraram menor ageísmo, mas os afro-americanos apresentaram atitudes mais positivas em relação aos mais velhos.
Montepare JM, et al., 2019.	Revisão sistemática. Investigar se as universidades contribuem para a redução do ageísmo. 20 artigos foram lidos na íntegra. *	Levy atribui à educação de crianças e jovens o fator principal para redução do ageísmo. A aprendizagem intergeracional no ensino superior teve efeitos positivos para adultos idosos e para os alunos, com a redução de estereótipos relacionados à idade e aumento da generatividade em adultos mais velhos. *

Autor, ano	Delineamento e nº participantes	Resultados/Considerações
Mccabe L, et al., 2021.	Estudo qualitativo. Revisão de evidências, análise secundária de dados, grupos focais com 25 participantes e workshops com 13 participantes. *	O apoio à conexão social de pessoas idosas enfrenta grandes desafios. Embora as pessoas idosas estejam dispostas a usar a tecnologia, os processos precisam ser participativos, sensíveis às necessidades individuais e apoiar os direitos, centrando-se em conectar um ser humano com outro.
Garrido JMF, et al., 2021.	Estudo qualitativo. 445 adultos avaliados quanto aos seus conhecimentos, estereótipos e atribuições sobre a velhice e o envelhecimento. *	As atitudes em relação ao próprio envelhecimento são predominantemente negativas e pioram à medida que as pessoas envelhecem. Observou-se que o nível de conhecimento sobre o envelhecimento é muito baixo, as descobertas sugerem a importância de desenvolver, implementar e avaliar programas anti-ageistas.
Erickson Ma, 2021.	Estudo qualitativo. Sugestões de como incorporar a pedagogia contemplativa na sala de aula de gerontologia, visando reduzir o ageísmo. *	A formação atual em gerontologia busca compartilhar conhecimentos e promover o contato intergeracional para mudar as atitudes dos alunos em relação ao envelhecimento. As intervenções existentes são pouco eficazes. A pedagogia contemplativa, envolve práticas para conscientizar padrões cognitivos e emocionais e é sugerida como uma abordagem para reduzir preconceitos.
Skibiński A, 2019.	Pesquisa diagnóstica. Análise quantitativa e qualitativa dos dados da base Eurostat. Realizada com 254 universitários na Polônia e Eslováquia. *	Mais de 86% dos entrevistados na Eslováquia e 36,6% na Polônia encontraram discriminação no local de trabalho. Houve preferência por funcionários de 26 a 35 anos, o que reflete preconceitos em relação às competências e necessidades das pessoas de diferentes idades. Foram observados benefícios da cooperação intergeracional.
Perez-Encinas A, et al., 2021.	Estudo: quali-quantitativo. Coleta de dados por questionário com 384 jovens, adultos e idosos e realização de grupos focais. *	As pessoas idosas perceberam o empreendedorismo intergeracional positivamente e abordaram os jovens para obter ajuda com as habilidades que lhes faltavam, enquanto os jovens tenderam a evitá-los pelo medo de atitudes paternas. Os adultos idosos sentiram necessidade de mais formação em tecnologia e gestão emocional para trabalhar com os jovens, enquanto os jovens desejam uma formação empreendedora e habilidades de gestão emocional para interagir com os mais velhos.

**Legenda:** \*Tradução própria. **Fonte:** Lopes CSD, et al., 2024.

**Quadro 4 - Síntese sobre as relações intergeracionais, intrafamiliares e avosidade.**

Autor, ano	Delineamento e nº de participantes	Resultados/Considerações
Flamion A, et al., 2019.	Estudo quantitativo com 1.154 crianças e adolescentes de 7 a 16 anos nas cidades de Bruxelas, Charleroi, Huy e Namur. *	Mais importante do que a frequência do contato com os avós, foi a qualidade desses contatos que influenciou positivamente na visão dos jovens sobre o envelhecimento. Na visão dos jovens seus avós estavam bem de saúde, forneceram mais palavras positivas acerca do envelhecimento e menores escores de ageísmo e avaliaram as pessoas idosas mais animadora.
Speck S, 2017.	Estudo qualitativo com 58 pessoas idosas de Nepal. *	A partir de mudanças na estrutura familiar, os adultos idosos assumiram a responsabilidade de cuidar dos netos, administrar e manter a casa e o jardim e até assumiram novas responsabilidades, como investir o capital financeiro dos filhos. A proximidade com os netos tornou-os menos solitários e com a sensação de serem mais úteis.
Obhi HK e Woodhead EL, 2016.	Estudo qualitativo com 753 participantes do curso Introdutório de Psicologia. *	Atitudes significativamente mais positivas em relação a pessoas idosas foram endossadas por aqueles que trabalharam no passado, que prestaram cuidados, que tiveram um relacionamento próximo durante a infância e que relataram relacionamentos de maior qualidade com parentes e amigos mais velhos.
Lai O, 2008.	Estudo qualitativo com 10.000 japoneses. *	Na análise a troca e comunicação intergeracional, apenas 44% demonstraram vontade de ter esse contato, contra 7% que não tinham interesse em fazê-lo e 49% que eram indiferentes em relação à troca intergeracional. Em relação à troca intergeracional, houve um maior interesse para a geração com mais de 50 anos.
Mcconatha JT, et al., 2003.	Estudo qualitativo com jovens adultos da Alemanha e dos EUA. *	Os participantes alemães tendem a ver o envelhecimento de forma mais negativa do que os americanos. No entanto, os americanos se consideram "velhos" muito mais jovens do que os alemães.

**Legenda:** \*Tradução própria. **Fonte:** Lopes CSD, et al., 2024.

## DISCUSSÃO

Os achados desta revisão, ao considerar a transição demográfica, as relações intergeracionais e o combate ao ageísmo, complementam-se nos quesitos referentes aos desafios do envelhecimento para a sociedade global, as políticas e os governos. A mudança na dinâmica social vivenciada pelos países estudados, ao longo dos anos, demonstrou diferentes experiências com o envelhecimento da população e seus impactos na qualidade de vida (SALAZAR C, 2017; CAMARANO AA, 2020; NEGRINI ELD, et al., 2018; NORTH MS e FISKE ST, 2015; OFFICER A, et al., 2020; OLIVEIRA SC, et al., 2019; WOLFF JK, et al., 2018).

Além disso, com o aumento de pessoas idosas no mundo, foi possível apreender, com os estudos selecionados, elementos capazes de reforçarem as relações intergeracionais no combate ao ageísmo, como também a educação que se mostraram uma das principais ferramentas nesse cenário (GOODMAN R e HARPER S, 2006; INTRIERI RC e KURTH ML, 2018; KASYANOVA TI, et al., 2020; LAI O, 2008; LYTLE A, et al., 2021; MCCABE L, et al., 2021; MONTEPARE JM, et al., 2019).

### Ageísmo no contexto da transição demográfica

O Brasil, ao longo das últimas décadas, vem aumentando a taxa de expectativa de vida, acompanhando a tendência mundial, porém, diversa. Países como França, levaram 150 anos para sua transição demográfica, enquanto o Brasil e China tem apenas 20 anos para se adaptar tal mudança em que a associação entre envelhecimento da população e o ageísmo precisa ser debatida à medida que a proporção da população de pessoas com 65 anos ou mais aumenta, as pessoas tornam-se favoráveis à velhice (OFFICER A, et al., 2020).

Considerando a pandemia da COVID-19, a expectativa de vida ao nascer teve uma acentuada redução no mundo. Segundo Camarano (2020), há uma diminuição da expectativa de vida ao nascer em dois anos e uma diminuição de 1,7 ano da expectativa de vida aos 60 anos. Isso significa que antes de 2019, a expectativa de vida no Brasil era de 83,7 anos e ao final do ano de 2020, essa se tornou 81,9. Assim, a velhice encurtou no cenário brasileiro. Essa autora traz um panorama diferente das expectativas relatadas pelos órgãos pesquisadores, em que haveria um aumento significativo na porcentagem da população idosa no mundo, pois a pandemia trouxe uma redução dessa população por volta de 0,5%, expressa em 131 mil pessoas idosas mortas; dado este registrado em dezembro de 2020.

Assim, pode-se esperar uma redução de 2,8 milhões de pessoas idosas em 2040 comparativamente ao que foi projetado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (CAMARANO AA, 2020). Em contrapartida, ao longo das décadas, no Estado Brasileiro, ocorreram mudanças nos arranjos domiciliares e familiares, e atualmente, há muitas pessoas idosas que residem sozinhas sem rede de apoio forte. Esse novo cenário, sem a devida retaguarda, poderá impactar negativamente no desfecho da saúde dessa população, inclusive de morte (NEGRINI ELD, et al., 2018). Ao analisar o cenário latino-americano, evidencia-se que o Chile vive atualmente um processo acelerado de envelhecimento, cuja taxa de pessoas acima de 65 anos é de 11% (a mundial é 8,27 %) e a expectativa de vida ao nascer é de 81 anos em contraste com a mundial que é 71 anos.

Semelhante a outros países da América Latina, a transição demográfica e as mudanças culturais e políticas que ocorreram no país nos últimos 50 anos produziram diversas alterações nos padrões familiares com a presença ou não de filhos. O país tem o índice de envelhecimento de 80, ou seja, para cada 100 pessoas com menos de 15 anos há 80 com mais de 65 anos. Apesar de o Chile ser classificado como país com envelhecimento avançado, a visão do envelhecimento no Chile é, em geral, ruim. (SALAZAR C, 2017).

Ainda analisando a América, os abusos físicos e psicológicos contra essa faixa etária também já constaram como muito frequentes nos EUA, entretanto, estudos demonstram que essa infração ocorre também em países asiáticos, como o Japão, por exemplo, que criou em 2005 a lei denominada “Lei de Prevenção de Abuso de idosos e Apoio ao Cuidador” (TSUNO N e HOMMA A, 2009).

Os países asiáticos, portanto, devido às mudanças demográficas, desenvolveram novas ferramentas para o combate ao ageísmo, incluindo programas de relações intergeracionais. Os países orientais em comparação aos ocidentais apresentam uma visão mais otimista do envelhecimento. São modelos no quesito respeito às

peças idosas e reconhecimento da sua importância. Todavia, há estudos que mostram que houve mudanças sobre a visão positiva do envelhecimento na Ásia devido à maior urbanização. (GOODMAN R e HARPER S, 2006; TSUNO N e HOMMA A, 2009; CHEN S, 2009).

Regiões que vivenciaram mudanças demográficas recentes e rápidas no envelhecimento da população apresentaram mais visões negativas em relação às pessoas idosas e os efeitos positivos da autopercepção do envelhecimento foram observados em pessoas que vivem em regiões com envelhecimento populacional lento (NORTH MS e FISKE ST, 2015; WOLFF JK, et al., 2018). Portanto, uma mudança relativamente rápida na composição de uma população pode afetar a percepção de quão bem as necessidades são atendidas em relação às circunstâncias locais.

### **Relações intergeracionais no contexto da educação e do trabalho como ferramenta no enfrentamento do ageísmo**

Para o enfrentamento do ageísmo a educação e o trabalho são áreas onde se faz necessária a discussão do envelhecimento como processo natural do curso de vida e, aqueles que alcançaram a velhice foram os que tiveram a oportunidade de viver mais. As pessoas possuem pouco conhecimento sobre o envelhecer e, por isso, endossam atitudes negativas acerca desse processo (LAI O, 2008). Nessa perspectiva, Lytle et al. (2021) conduziu um estudo com graduandos de psicologia visando à redução do preconceito de idade e melhoria do relacionamento intergeracional.

Observou-se que a partir de aulas online sobre o envelhecimento, ageísmo e intergeracionalidade, obteve-se impacto positivo nos alunos e redução do preconceito apenas com esse tipo de intervenção simples e rápida. Constatou-se que quanto maior o conhecimento sobre o envelhecimento, mais atitudes e visões positivas relacionadas a ele são apresentadas. (INTRIERI RC e KURTH ML, 2018; LYTLE A, et al., 2021; MCCABE L, et al., 2021). É notável que das temáticas apresentadas nos artigos selecionados a educação é evidenciada como uma das ferramentas no enfrentamento do ageísmo, tendo como destaques a aprendizagem e uso de tecnologias.

Países como o Japão, em que a discriminação das pessoas idosas é um problema social importante, têm investido em tecnologia de informação e comunicação (TIC) apropriadas para tal fim, pois observou-se uma contribuição positiva, em que essas tecnologias foram apresentadas como um potencializador da qualidade da comunicação e dos cuidados intergeracionais para a população mais velha no contexto atual de uma era da informação (GOODMAN R e HARPER S, 2006; LAI O, 2008).

Tal ideia é corroborada por McCabe et al. (2021), que descreveu a importância da educação voltada às tecnologias para a redução do ageísmo, ressaltando a sua relevância na pandemia da COVID-19, sobretudo com a inclusão da participação das pessoas idosas no desenvolvimento de intervenções tecnológicas mostrou-se uma boa forma de contribuir para a redução do ageísmo, através da oferta de treinamento e apoio para o envolvimento das pessoas e tantos estereótipos negativos (MCCABE L, et al., 2021).

Graeff et al. (2019) ainda apresentou discussão do ageísmo em um viés diferente, a partir da educação como respeito ou consideração. Evidenciou-se uma grande percepção de que os jovens brasileiros não respeitam as pessoas mais velhas porque não são educados para tal e por isso há tanto descaso com essa parcela da população, por parte da sociedade e do Estado. Ademais, um estudo desenvolvido por Garrido et al. (2021) ressaltou que existe uma visão majoritariamente negativa relacionada ao envelhecimento em todas as faixas etárias, a qual está associada a um baixo nível de conhecimento sobre essa temática, principalmente nos grupos mais jovens.

É importante que a educação sobre o envelhecimento se inicie com crianças, desde a educação infantil, capaz de promover que se reconheçam também como “envelhescentes” em potencial. Mostra-se imprescindível que se estenda para todas as faixas etárias, para que as atitudes negativas frente ao envelhecer diminuam e que a longevidade seja verdadeiramente reconhecida como uma conquista. O caminho, portanto, é a educação para longevidade por meio de ações e programas intergeracionais. (CACHIONI M e AGUILAR LE, 2008; ERICKSON MA, 2021).



No que tange o ageísmo e o trabalho e avaliando a cooperação intergeracional, Skibiński (2019) observou a presença de ageísmo e atitudes estereotipadas em 36,6% dos trabalhadores de empresas da Polônia e em 86,8% da Eslováquia, de modo que a discriminação ainda se mostrou um problema muito prevalente nesse ambiente. Contudo, o mercado de trabalho também pode ser uma forma de combater o ageísmo. Perez-Encinas et al. (2021), identificou que os jovens e seniores apresentaram características que poderiam colocá-los em risco de exclusão no mercado e que a troca intergeracional seria benéfica para ambos.

Para os empreendedores seniores, os jovens possuíam mais conhecimento técnico quanto às TICs e sua presença foi evidência de dinamismo para o futuro de um projeto, enquanto para os jovens empreendedores, os seniores conheciam normas, métodos e procedimentos em atividades profissionais, além dos contatos e networking, que muitas vezes lhes faltavam (PEREZ-ENCINAS A, et al., 2021). Assim, ter uma formação complementar, por meio da graduação ou de cursos de reciclagem, ajudou a inserir as pessoas idosas no mercado de trabalho, combatendo o desemprego nessa faixa etária e diminuindo a ideia de que eles fossem ineficientes, com má formação e desatualizados (KASYANOVA TI, et al., 2020).

### **Relações intergeracionais, intrafamiliares e avosidade**

Os estudos selecionados exploraram como as relações intergeracionais intrafamiliares foram potentes ferramentas de enfrentamento ao idadismo, especialmente na relação conhecida como avosidade - relacionamento entre avós e netos. No estudo realizado por Flamion et al. (2019), a ferramenta mais importante do que a frequência do contato com os avós, foi a qualidade desses contatos e a percepção da sua saúde, que influenciou positivamente a visão dos jovens sobre o envelhecimento. Menores escores de ageísmo foram percebidos entre os que acreditavam que seus avós estavam muito bem de saúde do que os jovens que acreditavam que a saúde dos avós era boa, razoável ou ruim. A percepção positiva em relação ao envelhecimento foi maior em crianças e adolescentes que tinham uma relação de avosidade e naqueles que possuíam maior conhecimento sobre o tema.

A proximidade com os netos tornou-os menos solitários e com a sensação de serem mais úteis. (SPECK S, 2017). Com relação a trabalhar com pessoas com 65 ou mais no futuro, o interesse foi significativamente maior naqueles que tiveram mais aulas sobre envelhecimento, que trabalharam ou cuidaram de pessoas idosas (OBHI, HK e WOODHEAD EL, 2016), ou seja, a educação desponta como uma ferramenta importante. Em um estudo realizado por Alquwez et al. (2018), observou-se que estudantes que possuíam uma família extensa, ou que moravam com os avós apresentaram atitudes mais otimistas em relação ao envelhecimento do que estudantes que não residiam com os avós ou que pertenciam a uma família nuclear, corroborando com a importância das relações intergeracionais intrafamiliares no enfrentamento do ageísmo.

As relações intergeracionais, atrelada à educação, são as principais ferramentas para a redução do ageísmo, mesmo sendo reconhecidos na literatura os grandes empecilhos na implantação de programas intergeracionais. Menos da metade das pessoas tem interesse em investir em relações intergeracionais, pois muitos têm acreditado que existe uma incompatibilidade entre as gerações devido às diferenças de experiência de vida e até tempo livre (LAI O, 2008). Um fator que impactou no cenário das relações intergeracionais, principalmente a avosidade, foi a pandemia da COVID-19, seja pelo isolamento social, pelas fake news, dentre outras.

No início da pandemia, as mídias europeias e americanas disseminaram ideias errôneas sobre o envelhecimento ao colocar a população mais velha como o único setor da sociedade vulnerável ao novo vírus circulante, fortalecendo a ideia de vulnerabilidade somente entre as pessoas com 65 anos ou mais (AYALON L, et al., 2020). A internalização dessa visão negativa sobre o envelhecimento pode repercutir no fato de que, futuramente, todo o investimento, mesmo que ainda limitado, feito até aqui contra o ageísmo e a favor das relações intergeracionais sejam destruídos (SILVA MF, et al., 2021).

Fato é que a alta mortalidade das pessoas mais velhas durante a pandemia, principalmente daqueles residentes em lares para pessoas mais velhas, levou a uma falsa sensação de que somente essa parcela da população apresentava riscos mortais em relação ao COVID-19 (SILVA MF, et al., 2021). O termo “Boomer Remover” viralizou pela internet atestando uma falta de respeito e descaso com a população mais velha

durante esse período, mostrando que o trabalho contra o ageísmo e ações que promovam as relações intergeracionais tem um caminho árduo pela frente e estão longe de acabar (ELLIOTT R, 2022).

O distanciamento social proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) afetou principalmente as pessoas idosas, pois atualmente estão mais propensas a viver sozinhas e apresentam menos facilidade de utilizar sistemas de comunicação online para se comunicar e interagir. Isso provocou maior impacto na saúde mental e aumento do sentimento de solidão emocional que pode aumentar o risco de depressão maior e risco de morte, aumentando, assim, a vulnerabilidade dessa população (SILVA MF, et al., 2021; GENZ M, 1996).

Por fim, a realização desse estudo pode contribuir na elaboração de propostas e projetos que favoreçam a construção de relações intergeracionais fortes e duradouras e no combate ao idadismo. Destaca-se a necessidade de novos estudos sobre a temática uma vez que se deparou com limitações ao buscar publicações recentes referentes ao atual censo da população idosa nos países citados neste estudo. Após a pandemia da COVID-19, com o número elevado de óbitos de pessoas com idade acima de sessenta anos, foram escassas as citações sobre as relações intergeracionais e seu impacto na redução do ageísmo, levando a destacar a necessidade de mais debates no atual momento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta revisão constatou-se que quanto maior o conhecimento sobre o processo de envelhecimento, mais atitudes e visões positivas em relação às pessoas idosas foram agregadas enquanto ferramentas de enfrentamento ao idadismo em vários espaços sociais: escolas, universidades, educação informal, dentro dos lares, nos espaços públicos e dentre outros. A educação foi a principal ferramenta para o combate ao ageísmo em suas diferentes vertentes e gerações para a construção de uma sociedade que inclua todas as idades neste combate, buscando a transformação sociocultural. Outras importantes ferramentas foram as relações intergeracionais intrafamiliares e a avosidade, independente do país e/ou cultura. É fundamental que as crianças, jovens, adultos e pessoas idosas comecem a entender sobre o processo de envelhecimento e a valorizar diferentes tipos de conhecimento e experiências por meio do convívio, da prevenção e do combate ao ageísmo, visando o bem-estar para todos esses grupos.

## REFERÊNCIAS

1. ALQUWEZ N, et al. The arabic version of the kogan attitudes toward older people scale among saudi nursing students: a psychometric analysis. *Ann Saudi Med*, 2018; 38(6): 399-407.
2. AYALON L, et al. Aging in Times of the COVID-19 Pandemic: Avoiding Ageism and Fostering Intergenerational Solidarity. *The Journals of Gerontology: Series B*, 2020; 76(2): 49–52.
3. BARDIN L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.
4. BOTELHO LLR, et al. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade*, 2011; 5(11):121-136.
5. BUTLER RN. Age-Ism: Another Form of Bigotry. *Gerontologist*, 1969; 9(4): 243–246.
6. CACHIONI M e AGUILAR LE. Crenças em relação à velhice entre alunos da graduação, funcionários e coordenadores-professores envolvidos com as demandas da velhice em universidades brasileiras. *Rev. Kairós*, 2008; 11(2):95-119.
7. CAMARANO AA. Os dependentes da renda dos idosos e o coronavírus: órfãos ou novos pobres?. *Ciênc Saúde Coletiva*, 2020; 25: 4169-4176.
8. CHEN S. Aging with Chinese Characteristics: A Public Policy Perspective. *Ageing Int*, 2009; 34(3): 172-188.
9. ELLIOTT R. The 'Boomer remover': Intergenerational discounting, the coronavirus and climate change. *The Sociological Review*, 2022; 70(1): 74–91.
10. ERICKSON MA. Contemplative pedagogy as a framework for education about ageism. *Gerontol Geriatr Educ.*, 2021; 42(3): 297-307.
11. FERREIRA VHS, et al. Ageísmo, políticas públicas voltadas para população idosa e participação social. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2020; (42): e2816.
12. FLAMION A, et al. Impact of Contact With Grandparents on Children's and Adolescents' Views on the Elderly. *Child Dev*, 2019; 90(4): 1155-1169.

13. GARRIDO JMF, et al. The perspective of different age groups regarding old age and aging in highly aged contexts. *The Social Science Journal*, 2021; 58(1): 77-90.
14. GENZ M. Change in East Germany intergenerational relations in a large city. Results of the 4th survey phase of the Halle Longitudinal Study of participants of the 1994 senior college (HALSEKO). *Z Gerontol Geriatr*, 1996; 29(5): 367-71.
15. GOODMAN R e HARPER S. Introduction: Asia's Position in the New Global Demography. *Oxf Dev Stud*, 2006; 34(4): 373-385.
16. GRAEFF B, et al. Lifelong Learning: Perceptions Collected through the "Age-friendly Cities" Method in the Neighborhood of Mooça, São Paulo (Brazil). *ZfW*, 2019; 42: 41–68.
17. INTRIERI RC e KURTH ML. Racial differences in attitudes toward aging, aging knowledge, and contact. *Educ Gerontol*, 2018; 44: 40–53.
18. KASYANOVA TI, et al. Educational Potential of Russian Senior Citizens. *The Education and science journal*, 2020; 22(2): 121-142.
19. LAI O. The Enigma of Japanese Ageing-in-Place Practice in the Information Age: Does Digital Gadget Help the (Good) Practice for Inter-Generation Care? *Ageing Int*, 2008; 32: 236–255.
20. LÜSCHER K, et al. Gerações, Relações Intergeracionais, Política Geracional. *Um Compêndio Multilíngue*. MPRA Paper, 2016; 1: 150-168.
21. LYTLE A, et al. Reducing Ageism With Brief Videos About Aging Education, Ageism, and Intergenerational Contact. *Gerontologist*, 2021; 61(7): 1164-1168.
22. MCCABE L, et al. Using Technology the Right Way to Support Social Connectedness for Older People in the Era of COVID-19. *Int J Environ Res Public Health*, 2021; 18(16).
23. MONTEPARE JM, et al. Becoming an Age-Friendly University (AFU): Integrating a retirement community on campus. *Gerontol Geriatr Educ*, 2019; 40(2): 179-193.
24. NEGRINI ELD, et al. Elderly persons who live alone in Brazil and their lifestyle. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 2018; 21(5): 523-531.
25. NELSON TD. Ageism: Prejudice Against Our Feared Future Self. *J Soc Issues*, 2005; 61(2): 207-221.
26. NORTH MS e FISKE ST. Modern Attitudes Toward Older Adults in the Aging World: A Cross-Cultural Meta-Analysis. *Psychol Bull*, 2015; 141(5): 993-1021.
27. OBHI HK e WOODHEAD EL. Attitudes and Experiences With Older Adults: A Case for Service Learning for Undergraduates. *Gerontol Geriatr Educ*, 2016; 37(2): 108-22.
28. OFFICER A, et al. Ageism, Healthy Life Expectancy and Population Ageing: How Are They Related? *Int J Environ Res Public Health*, 2020; 17(9).
29. OLIVEIRA SC, et al. Reformas da Previdência Social no Chile: lições para o Brasil. *Cad. Saúde Pública*, 2019; 35(5).
30. PEREZ-ENCINAS A, et al. Are There Differences and Complementarities between Senior and Young Entrepreneurs? An Intergenerational Perspective. *Sustainability*, 2021; 13(9).
31. SALAZAR C. Social Contract on Elderly Caregiving in Contemporary Chile. *Anthropology & Aging*, 2017; 38(1): 60-79.
32. SILVA MF, et al. Ageism against older adults in the context of the COVID-19 pandemic: an integrative review. *Rev. Saúde Pública*, 2021; 55(4).
33. SKIBIŃSKI A. The Concept of Demographic Management as an Element of Human Resources Management in Organizations. *IBIMA Business Review*, 2019; 2019.
34. SPECK S. "They Moved to City Areas, Abroad": Views of the Elderly on the Implications of Outmigration for the Middle Hills of Western Nepal. *Mt Res Dev*, 2017; 37(4): 425-35.
35. SWIFT HJ e CHASTEEN AL. Ageism in the time of COVID-19. *Group Process Intergroup Relat*, 2021; 24(2): 246-52.
36. TSUNO N e HOMMA A. Ageing in Asia—The Japan Experience. *Ageing Int*, 2009; 34: 1-14.
37. WOLFF JK, et al. Regional Impact of Population Aging on Changes in Individual Self-perceptions of Aging: Findings From the German Ageing Survey. *Gerontologist*, 2018; 58(1): 47–56.
38. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Decade of healthy ageing 2020-2030: Plan of Action. 2020. In: World Health Organization. Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source/decade-of-healthy-ageing/final-decade-proposal/decade-proposal-final-apr2020-en.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2022.
39. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Global report on ageism. 2021. In: World Health Organization. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/340208>.